

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v18i35.21270>

A PRODUÇÃO DA MATERIALIDADE DO IMPRESSO ESCOLAR ECOS  
JUVENIS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA DE CAMPO  
GRANDE - SUL DO ANTIGO MATO GROSSO (1936-1951)

**Cristian Lopez Gomes**

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

[cristiangomes2000@gmail.com](mailto:cristiangomes2000@gmail.com)

**Jacira Helena do Valle Pereira Assis**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

[jacira.pereira@ufms.br](mailto:jacira.pereira@ufms.br)

**Resumo:**

Neste texto objetiva-se investigar a produção da materialidade do *Ecos Juvenis*, para observação da construção identitária do veículo e identificar indícios de autonomia estudantil nesta produção. O referido impresso era vinculado ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, localizado em Campo Grande, sul do antigo Mato Grosso. Utiliza-se uma perspectiva histórica vinculada à Nova História Cultural, com o referente teórico Roger Chartier, e sociológica, vinculada à Pierre Bourdieu. Os resultados sinalizam intencionalidades em produzir sentidos aos leitores pela materialidade, ora vinculado à publicização da instituição escolar católica para engendrar a exemplaridade do colégio para as moças das elites, ora para alinhar materialidade e textualidade, também, obtêm-se indícios que o controle do impresso era institucional, consequentemente, compreende-se que havia uma autonomia estudantil relativa.

**Palavras-chave:** Ecos juvenis. Impressos escolares. Materialidade.

THE PRODUCTION OF THE MATERIALITY OF THE SCHOOL  
PERIODICAL ECOS JUVENIS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA  
AUXILIADORA DE CAMPO GRANDE - SUL DO ANTIGO MATO  
GROSSO (1936-1951)

**Abstract**

The aim of this text is to investigate the production of the materiality of *Ecos Juvenis*, in order to observe the identity construction of the newspaper and identify signs of student autonomy in this production. The paper was linked to the Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, located in Campo Grande, in the south of the former Mato Grosso. We used a historical perspective linked

to the New Cultural History, with Roger Chartier as the theoretical reference, and a sociological perspective linked to Pierre Bourdieu. The results indicate intentions to produce meanings for readers through materiality, sometimes linked to the publicization of the Catholic school institution in order to engender the exemplarity of the school for elite girls, sometimes to align materiality and textuality, also, there are indications that the control of the printed matter was institutional, consequently, it is understood that there was relative student autonomy.

**Keywords:** Ecos Juvenis. School periodicals. Materiality.

## Introdução

Os periódicos escolares têm sido uma temática abordada em diversas pesquisas no campo da História da Educação, pois compreende-se que, a partir da mobilização dessa fonte, em específico, emergem diversas possibilidades de compreensão da dinâmica social do cotidiano escolar e das vastas dimensões existentes nos processos educativos por meio do impresso, ou seja, considera-se que os impressos escolares<sup>1</sup> se inseriam no cotidiano das instituições escolares e, de forma mais abrangente, na sociedade brasileira, tendo em vista que alguns impressos circulavam além dos muros escolares, com diferentes estéticas e formatos.

Nesse sentido, esta incursão se propõe a investigar a materialidade do impresso escolar<sup>2</sup> *Ecos Juvenis*, vinculado ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, de Campo Grande, cidade localizada no sul do antigo Mato Grosso<sup>3</sup>, para se aproximar das seguintes indagações: 1) Em face da materialidade do impresso escolar *Ecos Juvenis* do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campo Grande, como ocorreu a construção identitária do referido veículo na qual se buscou firmar a tríade: instituição escolar religiosa, educação das elites e escolarização de mulheres? 2) Quais os indícios de autonomia estudantil na produção da materialidade do *Ecos Juvenis*?

---

1 Considerando o limite do artigo, recomendam-se algumas leituras profícuas em relação à temática, a saber: Catani e Bastos (2002); Amaral (2002; 2013).

2 Diante da gama de termos em pesquisas referente a impressos produzidos no âmbito escolar (periódico estudantil, periódico pedagógico, impresso educativo, etc.), adota-se a definição de “periódico escolar” por compreender *O Ecos Juvenis* como material elaborado com a participação de diferentes agentes sociais da comunidade escolar, também, agentes que se propunham a escrever para o impresso.

3 O período de circulação dos impressos antecede a divisão do estado de Mato Grosso, por isso é tratado no texto como sul do antigo Mato Grosso.

Tais questionamentos são fomentados a partir do texto de Kênia Hilda Moreira e Ana Maria de Oliveira Galvão (2022), que ao se debruçarem sobre os impressos estudantis (termo usado pelas autoras) secundaristas do antigo sul de Mato Grosso, questionam

[...] se o apelo estético visual na produção desses impressos estudantis não estaria, de forma consciente, vinculado à produção de uma autoimagem das respectivas instituições (divulgando a arquitetura e mobiliário escolar, corpo docente, etc.) em um momento em que o ensino secundário, inclusive no discurso oficial, era voltado para a formação das elites. (Moreira; Galvão, 2022, p. 14).

Nesse percurso, busca-se agregar a discussão a questão de classe social, da religião católica e de gênero na estética do impresso, haja vista que o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora era confessional, destinada à elite regional e possuía a peculiaridade de ser somente ofertada à escolarização de mulheres.

Na presente investigação utiliza-se uma perspectiva histórica vinculada à Nova História Cultural, com o referente teórico Roger Chartier e sociológica, vinculada à Pierre Bourdieu. Chartier (1991, p. 178) posiciona-se: “Contra uma definição puramente semântica do texto, é preciso considerar que as formas produzem sentido [...]”, assim, sob esta ótica, compreende-se que a partir da materialidade do impresso escolar, ou seja, nas iconografias, propagandas, capas dos impressos, etc., se constrói significações para a leitura do impresso, ou seja, uma recepção guiada aos leitores, estando textualidade e materialidade em consonância. Além disso, há indícios dos pertencimentos de quem produziu essa fonte, pois os agentes sociais que produzem fontes impressas “[...] imprimem uma marca muito pessoal à sua empresa. Seu sucesso depende de sua inventividade pessoal [...].” (Chartier, 1998, p. 50).

Bourdieu (1997, p. 103) considera que há na imprensa um “[...] monopólio da informação legítima [...]”, ou seja, uma relação com o externo para considerar o que é legítimo e ilegítimo mostrar nos impressos de forma estratégica, objetivando o acúmulo de lucros simbólicos da instituição produtora do impresso.

Dessa forma, com fundamento nos referidos autores observa-se se a produção da materialidade modelava de forma estratégica determinadas compreensões aos leitores sobre a tríade: instituição escolar religiosa, educação das elites e escolarização de mulheres. Além disso, apesar do impresso se apresentar como um órgão do grêmio das alunas, a presente incursão busca indícios problematizados a partir da investigação da materialidade. Esclarece-se que

foram localizados 16 impressos datados de 1936 a 1951, assim, circunscreve-se este recorte temporal na pesquisa.

A organização proposta focaliza na trajetória da instituição escolar e do impresso escolar, a fim de observar o público-alvo da instituição e das diferentes fases do impresso escolar, após, analisa-se a materialidade do impresso, e no final tece-se os resultados com as considerações.

### **O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e o impresso escolar *Ecus Juvenis*: em investigação as trajetórias do impresso escolar e da instituição escolar**

Considera-se necessária uma breve apresentação das características de Mato Grosso no momento histórico delimitado, tendo em vista que havia uma estrita relação desse estado com a fundação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Mato Grosso, no período delimitado, constituía-se como um estado voltado principalmente para a agricultura e a pecuária, e movimentada pelos grandes latifundiários da região, também, havia um predomínio da população rural no estado (Brito e Silva, 2021). Dessa forma, relacionava-se com o público-alvo do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, o qual, como sinaliza Fernanda Ros Ortiz (2014, p. 106), era majoritariamente formado por filhas de fazendeiros e comerciantes, devido às “[...] atividades socioeconômicas que mais se desenvolviam na porção sul de Mato Grosso e em Campo Grande.”.

O referido Colégio pertence à Congregação Salesiana, criada por Dom Bosco em 1859, na Itália, é reconhecida no campo religioso pelos trabalhos desenvolvidos no campo educacional, tendo como alvo o acolhimento e a profissionalização da juventude, tanto das elites quanto da população desassistida, sem condições de pagar por um ensino para além do primário. A instituição “Filhas de Maria Auxiliadora” (FMA) foi criada em 1872, na Itália, e atuava nas obras de caridade, saúde e no campo educacional. No sul do antigo Mato Grosso, os padres salesianos e as FMA marcaram presença no campo educacional pelo pioneirismo no ensino secundário, bem como pelo número de estabelecimentos implantados e pela construção de uma imagem de exemplaridade (Andrade, 2021).

De acordo com Riolando Azzi (2003), a expansão e a fundação de um número acentuado de estabelecimentos católicos femininos no Brasil se deram no início do século XX, no qual se insere o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Campo Grande. Conforme Andrade (2021),

havia na década de 1920, uma ausência de um colégio para a formação feminina católica, na cidade. Dessa forma, as FMA criaram o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em 1926, com o apoio da “alta sociedade” e do governo local. O colégio possuía a proposta de educar as moças dos grupos das elites regional do sul do antigo Mato Grosso, oferecendo, num primeiro momento, o curso primário e, posteriormente, os cursos secundários. Além disso, havia oferta da escolarização em regime de internato, semi-internato e externato.

Os autores Ortiz (2014), Trubiliano e Martins (2010) e Andrade (2021) sinalizam que a formação no colégio incidia em elementos constituidores de um refinamento cultural para as moças. A instituição estava em consonância com uma educação da mulher calcada em papéis específicos, os quais, as mulheres deveriam se tornar, como: esposa, mãe, religiosa e dona de casa. O direcionamento da formação na instituição advém de uma lógica hegemônica do que se constitui ser mulher, o qual, Bourdieu (2014) assevera que tal lógica está estritamente ligada à dominação simbólica masculina, a qual é produzida e reproduzida por diversas instituições, inclusive, os estabelecimentos escolares.

Também, sinaliza-se que a Lei Orgânica do Ensino Secundário, de 1942, legitimava tal lógica hegemônica, pois, foi expressa na obrigatoriedade da disciplina de “economia doméstica” para as mulheres secundaristas, imputando tais papéis anteriormente mencionados às mulheres.

Considera-se à luz de Bourdieu (2015) que os estabelecimentos escolares se constituem um campo propício para que os grupos das elites e das classes médias produzam e reproduzam sua possibilidade de ampliação do capital cultural em relação aos campos social, literário e político, consequentemente, gera-se a distinção social.

Nesse direcionamento, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora objetivava atender a demanda dos grupos da elite regional, em seus diferentes cursos, principalmente, os cursos secundários<sup>4</sup>, visto que conforme anteriormente mencionado, tal etapa de ensino se constituía como uma etapa seletiva e privilegiada, visto que favorecia a formação do espírito e o preparo para o trabalho intelectual, baseado na arte de bem falar e bem escrever, aproximando os secundaristas de uma

---

4 Como mencionado anteriormente, considerando o limite do artigo, recomendam-se as seguintes leituras, pois contribuem para incursões e problematizações em relação ao ensino secundário: Pessanha e Silva (2021); Souza (2008); e Dallabrida (2012).

cultura clássica. Tais elementos foram legitimados na Lei Orgânica do Ensino Secundário, de 1942, que trazia um currículo calcado na cultura humanística.

Vale ressaltar que o impresso escolar *Ecos Juvenis* era tido como órgão do grêmio literário do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e, além disso, pelas leituras das atas do referido grêmio, nota-se que ele era composto em maior escala por estudantes dos cursos secundários. Ainda conforme essas atas, inicialmente o grêmio era nomeado “Auxilium” e foi fundado em 1935. Esses documentos também fazem menção de que em 1936 houve uma mudança no nome do grêmio, passando a ser denominado “Grêmio Literário Dom Aquino Corrêa”. Tal mudança foi justificada pela exemplaridade que esse bispo salesiano possuía em Mato Grosso.

Havia um objetivo no grêmio literário, de desenvolver o gosto das alunas pela leitura e escrita. Conforme as atas, aconteciam também reuniões mensais, nas quais se discutiam textos literários, faziam-se declamações e se decidia sobre o que publicar e não publicar no impresso escolar *Ecos Juvenis*, porém, questiona-se se as alunas possuíam essa autoridade de decisão.

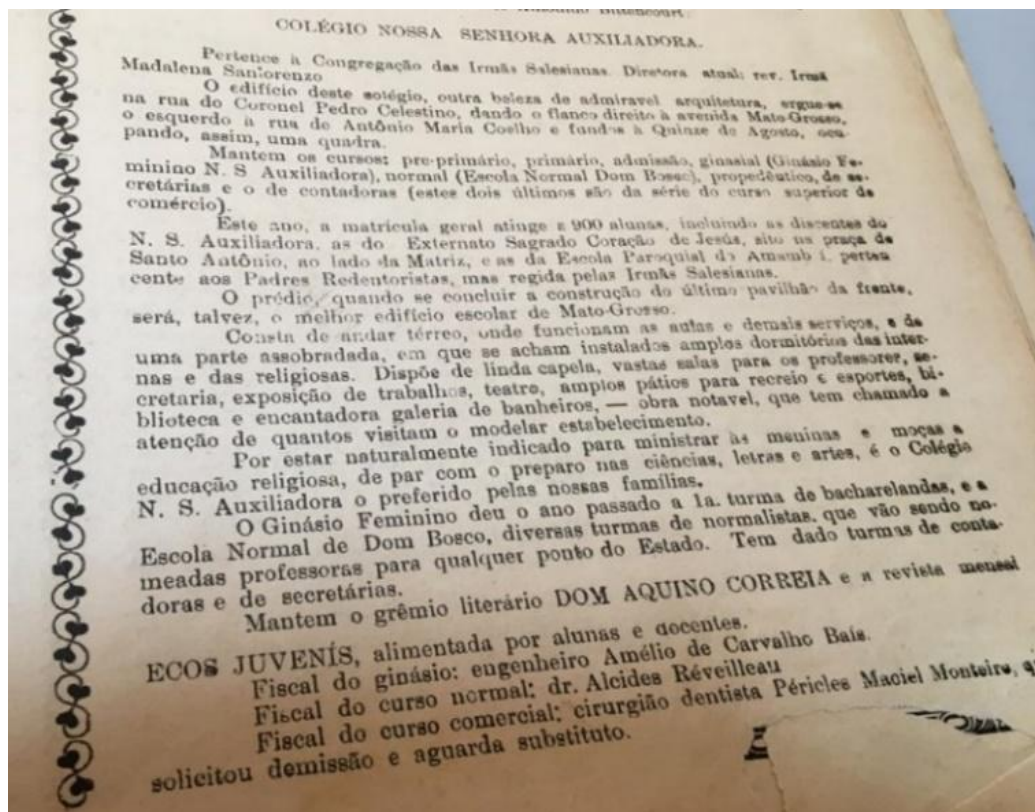
Em relação à gênese do impresso escolar *Ecos Juvenis*, há controvérsias. Yara Penteadó (1996) pontua que o impresso começou a ser produzido no ano de 1933, enquanto Trubiliano e Martins (2010), informam que se iniciou em 1934, porém localiza-se um documento escolar, intitulado “Fatos importantes ocorridos na escola nossa senhora auxiliadora entre os anos 1926-1945”, que faz menção do início da produção em 1934.

Entende-se que houve duas fases do impresso escolar, a saber: a) iniciação, de 1934 a 1936, em que, conforme Trubiliano e Martins (2010), era produzido pela comunidade escolar para a comunidade escolar e as famílias das estudantes; e b) expansão e consolidação, de 1937 a meados da década de 1950, quando o impresso começou a circular além dos muros escolares, em todo o estado, havendo também indícios de que circulou em algumas cidades do estado de São Paulo, conforme a análise dos impressos localizados. Em relação ao tempo de circulação do *Ecos Juvenis*, Trubiliano e Martins (2010) defendem que durou até “meados da década de 1950”, não descrevendo exatamente o ano. Penteadó (1996) localiza um exemplar do impresso do ano de 1953, ou seja, corrobora a perspectiva de Trubiliano e Martins (2010). E, nesta pesquisa localiza-se exemplares datados até 1951.

Na primeira fase do impresso, localiza-se somente um exemplar que possuía o objetivo de divulgar o discurso do Parainfo da turma de estudantes que se formou no Curso Normal de

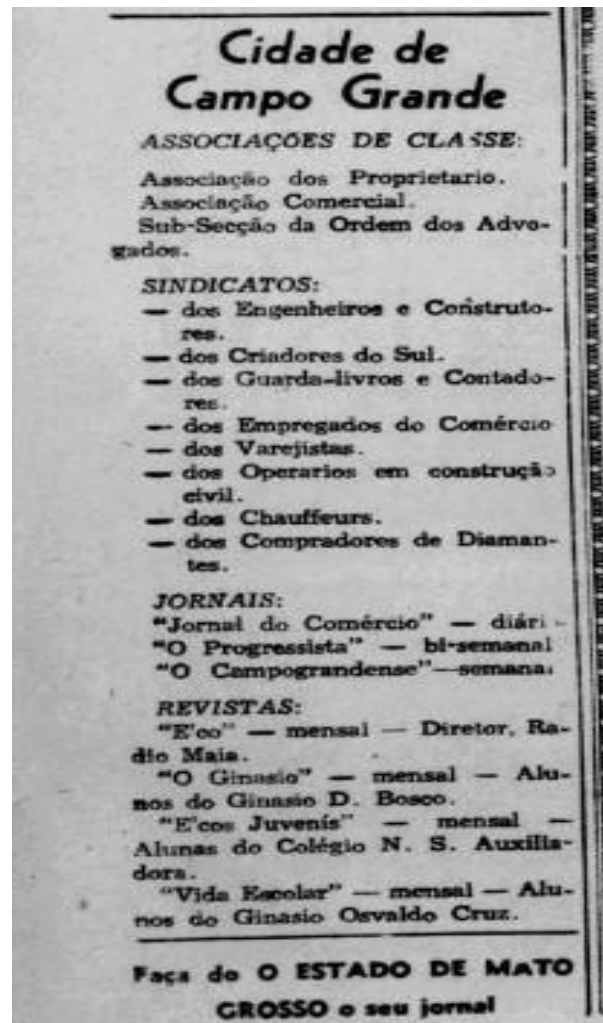
1936. Dessa forma, divulgavam-se alguns elementos da instituição escolar para serem vistos pelas estudantes e pelos seus pais, ou seja, uma estratégia de publicidade da instituição. Em relação à segunda fase do impresso escolar, foram localizados 15 exemplares, o que forma um quadro mais favorável para a análise e compreensão da segunda fase do impresso. Nessa fase, o *Ecos Juvenis* era divulgado em alguns periódicos e jornais locais, podendo-se compreender que isso significa uma estratégia de divulgação do veículo, além disso, questionam-se os alcances desses periódicos, pois, quanto maior o alcance mais público seria alcançado. Localiza-se nessas fontes a divulgação do impresso:

**Figura 1** - Divulgação do *Ecos Juvenis* no Periódico Anuário campo-grandense (1939)



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (2022).

Figura 2 - Divulgação no jornal O estado de Mato Grosso (1940)



Fonte: Hemeroteca Digital (2022)

O *Ecos Juvenis*, nessa fase, contava com a participação de diversos agentes sociais, além das alunas, tais como: professores e professoras do colégio e de outras instituições, diretora do colégio, alunas de outras escolas salesianas, FMA da instituição e de outras instituições, ex-alunas, religiosos salesianos e quem se dispunha a escrever para o impresso. Com base nas leituras dos impressos escolares localizados, de 1947 a 1950, houve a participação de estudantes de instituições salesianas femininas das seguintes cidades: Lins, Cuiabá, Corumbá e Tupã. Além disso, há seções do *Ecos Juvenis* para cada cidade das instituições salesianas femininas. Considera-se que essa “união” era estratégica e possuía o objetivo de “fortificar” o impresso.

Também, localizam-se indícios de outras duas estratégias para a divulgação do impresso: a) o envio de um exemplar para agentes sociais que possuíam um determinado capital social; e b) troca de exemplares de impressos entre as instituições escolares. Os excertos a seguir exemplificam:

Da diretoria do Ensino Secundário

Ilmo. Sr. Diretor.

Recebeu um exemplar da revista << Ecos Juvenis>> e um de <<Ressonância>>. Com os meus cumprimentos, envio a V. S. os mais sinceros votos de um êxito crescente para tão bela iniciativa.

Cordiais Saudações

a) Hilda F. de Mattos

Por HAROLDO LISBOA DA CUNHA

Diretor (Ecos Juvenis, 1948, n. 54, p. 2).

### **Ecos Juvenis**

Visto pelo semanário “O VALPARAÍSO”

Por intermédio da sra. prof. Arlinda Pessoa Morbeck, nossa apreciada e assídua colaboradora, temos sobre nossa mesa de trabalho, um exemplar do interessante órgão das alunas dos modelares estabelecimentos do ensino das F.M.A. da Inspeção Sto. Afonso de Ligório – Mato Grosso – Lins – Tupã, o qual se intitula “Ecos Juvenis”. Esmeradamente confeccionado o referido exemplar traz estampado em suas páginas ótimos trabalhos das alunas e mestres dos tres estabelecimentos, inclusive várias colaborações de nossa poetiza, d. Arlinda Pessoa Morbeck. Agrademos a gentileza, com que fomos distinguidos, formulando ao já credenciado órgão, vitoriosa continuidade.

Do “O Valparaíso”

A diretoria do Colégio N. S. Auxiliadora agradece a apreciação do semanário da cidade paulista. (Ecos Juvenis, 1950, n. 58, p. 41).

Tais estratégias de envio de exemplares para outras instituições escolares e para agentes sociais de prestígio auxiliavam o impresso escolar *Ecos Juvenis* a se manter como um veículo que possuía um amplo público e uma recepção calorosa, visto que agentes sociais de prestígio, como um inspetor do ensino secundário, davam ênfase à contribuição da iniciativa do impresso escolar. No exemplar de n. 58, de 1950, foi relatado que deixou de haver a participação das alunas salesianas de outras cidades devido a estas fundarem seu próprio impresso escolar. Dessa maneira, a partir de 1950, os impressos contavam com a participação somente de alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campo Grande, ou seja, havia mais páginas para as alunas publicarem seus textos e poesias.

Destarte, levantou-se algumas informações que contribuem para compreender aspectos da trajetória do impresso escolar e da instituição escolar a qual, o veículo era ligado, também, considera-se que tais informações facultaram elementos que auxiliam nas análises da materialidade do *Ecos Juvenis*.

**A materialidade do *Ecos Juvenis* e a construção da tríade instituição escolar religiosa, educação das elites e escolarização de mulheres**

Na construção desse tópico concebe-se a compreensão de materialidade calcada nas contribuições de Chartier (2022, p. 612), que disserta:

Materialidade do texto significa os formatos diferentes das obras publicadas. Significa também a inscrição e a disposição do texto sobre as páginas [...]. Significa igualmente as escolhas do autor, do corretor, do operário tipográfico ou do tipógrafo, na Primeira Modernidade, no que se refere às grafias ou às pontuações. Então, isso é um conjunto de elementos que define a materialidade [...], que produz uma possibilidade de recepção da obra para os leitores que pensam sua apropriação isoladamente em relação ao texto lido, mas que é, ao mesmo tempo, uma apropriação guiada, constrangida, organizada pela materialidade [...], que o leitor não necessariamente tem presente na sua consciência.

Concorda-se com Chartier (2022), pois há um valor estritamente simbólico na materialidade dos objetos da cultura gráfica e, não há neutralidade na materialidade do impresso escolar. Nessa perspectiva, observa-se no processo de produção do impresso que houve uma construção identitária, por meio da qual se queria demonstrar que era um impresso de uma instituição escolar religiosa, voltada para os grupos das elites e para escolarização de mulheres e, identificar indícios de autonomia estudantil na escolha dessa produção.

Incursiona-se primeiro na análise das capas do *Ecos Juvenis*. Em relação a esse item, nota-se que havia recorrências das imagens, conforme a figura a seguir demonstram:

Figura 3 - Capas do *Ecoss Juvenis* (1936-1951)



Fonte: Centro Documental Regional da Universidade Federal da Grande Dourados (2022) e Biblioteca Pe. Félix Zavattaro - Acervo de obras salesianas da Universidade Católica Dom Bosco (2022).

As iconografias selecionadas para compor as capas não foram meros elementos dispersos no impresso, já que elas remeteram a um contexto específico, o qual esteve estritamente ligado às intencionalidades dos agentes sociais e dos grupos sociais que produziram essa fonte para auxiliar na composição de uma determinada leitura.

Além disso, a fotografia tomada como objeto sociológico da teoria bourdieusiana sempre possui uma função social para um grupo, comunidade e classe social reafirmar os pertencimentos identitários (Bourdieu; Bourdieu, 2006, p. 32). A fotografia se constitui em uma representação que deve estar em consonância com a crença de um grupo, comunidade e classe social, pois “[...] é metodicamente inspecionada e observada, à distância, de acordo com a lógica que governa o conhecimento dos outros no cotidiano. [...]” (Bourdieu; Bourdieu, 2006, p. 34).

Em relação aos impressos localizados, nota-se que em 5 capas utilizou-se a mesma iconografia, qual seja, a fachada do colégio com as alunas na frente e 1 capa somente com a fachada do colégio. Nota-se que tais capas foram de impressos datados após 1937, período em que estes começaram a circular no estado e em algumas cidades de São Paulo. Dessa maneira, identifica-se uma estratégia de propagar um “vistoso” colégio para a sociedade e, em específico, para as frações das classes médias e altas, para o acúmulo de lucros simbólicos, e até mesmo, econômicos, tendo em vista que poderiam angariar mais matrículas.

As capas também eram compostas por figuras religiosas. Percebe-se que em 4 capas foram utilizadas a mesma foto de Dom Bosco, santo católico salesiano, e 1 capa com a foto de Madre Mazarrello, santa católica salesiana. Considera-se que, além da questão de demonstrar para a sociedade que o colégio era confessional, tal ênfase dada aos santos salesianos era na perspectiva de que eram tidos nas instituições escolares salesianas como santos exemplares a serem seguidos, como menciona Andrade (2021) sobre Dom Bosco, Madre Mazzarello, Domingos Sávio e Laura de Vicuña. Nesse sentido, considera-se que tais capas poderiam produzir uma leitura guiada às alunas, configurando a legitimidade dos discursos presentes no impresso, desde a capa.

Há a localização de uma capa com Dom Aquino Corrêa e outra com a Madre Superiora das FMA. Dom Aquino Corrêa era patrono do grêmio das alunas do Colégio Nossa Senhora e a Madre Superiora das FMA possuía prestígio nos colégios salesianos. Nesse sentido, as atas do Grêmio fazem menção de que havia reuniões que se dedicavam a algum intelectual ou/e figura religiosa. Dessa maneira, compreende-se que havia a mesma intencionalidade de inserir Dom

Bosco e Madre Mazzarello nas capas, qual seja, produzir o sentido de uma “leitura guiada” para as alunas salesianas, consequentemente, construir desde a capa do impresso um senso de aceitação dos discursos ali presentes.

Localiza-se somente 1 capa com as alunas em destaque, e analisa-se que as alunas estavam de uniforme, o qual, era elemento visível de prestígio social e também de moças “comportadas” aos padrões da elite, a imagem também representava a formação católica que havia naquele colégio, com saias e blusas compridas. À luz da teoria de Bourdieu (2014) compreende-se que a dominação simbólica masculina pode vir expressa em vestimentas, que chamam o corpo a ordem social, neste sentido, a imagem destaca que as alunas estavam em consonância com a lógica dominante de mulher. Além disso, questiona-se a autonomia estudantil na escolha das capas, tendo em vista que foi somente 1 capa que estas estavam em destaque e 6 exemplares possuíam o prédio escolar em destaque, podendo ter sido escolhido pela instituição escolar para divulgar o colégio.

Em relação à investigação das iconografias que há no impresso, parte-se do pressuposto construído pela teoria bourdieusiana e de Chartier (1998, p. 82) que enfatiza que na cultura gráfica as iconografias “[...] dependem tanto das convenções ou dos interesses envolvidos no ato de mostrar.” (Chartier, 1998, p. 82), ou seja, havia um processo de seleção do que era legítimo e ilegítimo para mostrar. Também, como sinaliza Tânia Regina de Luca (2010), a ausência ou forte presença das iconografias trazem indícios das condições materiais de existência do impresso a depender da época de produção do impresso, e, pode trazer vestígios do investimento financeiro que se fazia no impresso. No quadro a seguir, apresentam-se as seguintes informações referentes às iconografias dos impressos escolares:

**Quadro 1** - Iconografias do *Ecos Juvenis*

Ano:	Ano e número:	Possui iconografia? Se sim, quantas?	Quais eram essas iconografias?
1936	Ano 3 e n. especial	Sim, 3	Brasão; desenho religioso de Maria; e Jesus menino.
1939	Ano 6 e n. 29	Não	X
1941	Ano 8 e n. especial	Sim, 12	Procissão do CNSA; Madre Mazarrello; desenho do colégio; exposição catequética; procissão do Colégio Imaculada Conceição; FMA em hospital de caridade; FMA em missão com indígenas em Cuiabá; Asilo Santa Rita; Santa Casa; CNSA.
1946	Ano 13 e n. 51	Sim, 5	Fachada do Noviciado Missionário São José; capela do noviciado; novas noviças; FMA.

1946	Ano 13 e n. 52	Sim, 6	FMA missionária; ex-alunas com as FMA no CNSA; FMA em missão com indígenas; oratório festivo do CNSA.
1947	Ano 14 e s/n.	Sim, 6	Mandalas; noviças do CNSA; noviças na capela do CNSA; Madre Mazarello.
1947	Ano 14 e n. 53	Sim, 4	Árvore; Mandalas; desenho para adivinhar uma charada.
1948	Ano 15 e n. 1	Sim, 5	Madre Mazarello; FMA missionária; inspetora das FMA com FMA missionária; balança; símbolo da justiça; estrelas; fachada do CNSA com alunas.
1948	Ano 15 e n. 54	Sim, 11	Maria Auxiliadora; Papa Pio XXI; Bispo Diocesano D. Orlando Chaves; Jesus; flores; FMA missionária; estrelas.
1949	Ano 16 e n. especial	Sim, 26	Fachada do CNSA; Dom Bosco; Madre Mazzarello; ex-alunas do CNSA em aeroporto, recebendo a Madre Geral das FMA; Madre Geral das FMA; FMA no Hospital Beneficente de Campo Grande; FMA no CNSA; Capela do CNSA; flores; Ir. Túllia Paoli, professora do CNSA; Madre Superiora em Noviciado do CNSA; Ginásio Imaculada Conceição, de Corumbá; FMA no Ginásio Imaculada Conceição; Madre geral em Corumbá com as FMA; Nuvens com lua; Ginásio Coração de Jesus, de Cuiabá; FMA em Asilo, em Cuiabá; FMA em orfanato de Coxipó da Ponte; FMA com alunas do primário, em Guiratinga; FMA missionárias e indígenas; FMA em sangradouro com Madre Geral das FMA; FMA visitando a cidade de Poxoréu; nuvens com sol; Alunas do CNSA; Madre Ermelinda de Lins, em missa com alunas de Lins; Madre Geral das FMA sendo homenageada em Lins; Desfile de alunas de Lins.
1950	Ano 17 e n. 57	Sim, 2	FMA do CNSA; flores.
1950	Ano 17 e n. 58	Sim, 5	Maria Auxiliadora; Madre Mazzarello; Gen. Edgar de Oliveira; fachada do CNSA com alunas na frente; flores.
1950	Ano 17 e n. 59	Não	X
1951	Ano 18 e n. 60	Sim, 13	Ir. Carmelita Allegra; Madre Missionária; Oratório festivo do Colégio NSA; ex-alunas do CNSA; alunas do Colégio NSA em chácara; Maria Auxiliadora; almoço no CNSA, com as alunas e os pais; flores; alunas do primário do CNSA; desenho em quadrinhos.

1951	Ano 18 e n. 61	Sim, 14	Madre Mazzarello; alunas do CNSA; horta CNSA, história em quadrinhos sobre Madre Mazzarello; alunas ginásianas do CNSA; Maria Auxiliadora; flores; vencedoras de concurso literário do CNSA; camelo em forma de palavras cruzadas.
1951	Ano 18 e n. 62	Sim, 13	Ir. Madre Ermelinda Lucotti; ex-alunas do CNSA com FMA; ex-alunas em escadaria do CNSA; aluna do CNSA em viagem; Madre inspetora do CNSA; história em quadrinhos das FMA; Madre diretora do CNSA; foto de irmãos na qual duas meninas são alunas do CNSA; palavra cruzada em formato de flor; fachada do CNSA.

Fonte: elaborado com base nos impressos localizados (2022).

A partir das iconografias entende-se que se construía uma legitimação das iconografias, nas quais, dava-se pelas recorrências, de: figuras de santos religiosos; fachada dos colégios salesianos femininos e de atividades internas desses colégios e ex-alunas salesianas.

As figuras religiosas eram em sua maioria dos santos tidos como exemplares para as alunas salesianas, quais sejam: Dom Bosco e Madre Mazarrello, como mencionado anteriormente, para produzir o sentido de uma “leitura guiada” para as alunas salesianas e construir um senso de aceitação sobre os discursos no impresso.

Sinaliza-se que havia diversas imagens religiosas de Maria. Observa-se que 2 iconografias possuíam escritos de alunas salesianas ao lado, 1 possuía ao lado uma divulgação de um congresso Mariano direcionado às alunas e 1 estava debaixo dos nomes das normalistas formadas no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Dessa forma, compreende-se que essas iconografias com textos ao lado contribuíam para construir significações, pois “A imagem, em muitos casos, pode, ao lado do texto, ser o principal elemento para instituir determinado efeito de sentido.” (Galvão; Melo, 2019, p. 242). Entende-se que o impresso possuía a intencionalidade de associar as alunas a Virgem Maria e também legitimar para as alunas que Maria deveria ser um exemplo. Por se tratar de uma instituição católica salesiana, existia um protótipo de mulher ideal, que seria Maria, pois ela era recatada, virgem e pura e, por essa razão, as alunas deveriam seguir esse modelo. Azzi (2003) destaca que esse modelo era recorrente em instituições escolares femininas salesianas.

Outra recorrência é das FMA como foco da iconografia, ao lado de santos religiosos, evidenciando autoridade religiosa para a sociedade e alunas, também, iconografias das religiosas em atuação em instituições escolares, aldeias indígenas, hospitais e asilos. Compreende-se como uma estratégia de divulgação para que as FMA acumulassem em torno de si capital simbólico e social, tendo em vista que a sociedade era predominantemente católica, legitimando-se assim um papel de que as educadoras salesianas sabiam educar as moças em moldes cristãos e, conforme a lógica de caridade, imposta no currículo oficial da disciplina de economia doméstica. Além disso, entende-se que estas recorrências desmobilizavam a questão da autonomia estudantil, pois, questiona-se quais seriam os interesses das estudantes em mostrar de forma recorrente as professoras.

Também houve recorrências de iconografias da fachada do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora no impresso e das atividades internas dos colégios salesianos femininos. Nesse sentido, compreende-se que estava ligado ao interesse de propagar os colégios, como mencionado anteriormente, tal escolha reafirma a identidade do colégio como “exemplar” no campo educacional para as moças das elites regional.

A última recorrência das iconografias foi das ex-alunas, o que estava ligado a uma estratégia de divulgação para a sociedade dos estabelecimentos escolares femininos salesianos, pois, das 5 iconografias, havia 3 das ex-alunas com as FMA e 1 das ex-alunas na escadaria da capela do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Entende-se que se queria construir uma imagem de que os colégios eram ambientes “agradáveis” para a convivência, tanto que as ex-alunas retornavam ao espaço e, também, que as FMA eram “amigas” das ex-alunas, conforme o sistema preventivo<sup>5</sup> demanda que os professores salesianos “[...] deveriam acompanhar os alunos e estabelecer uma relação de amizade, confiança e parceria [...]”. (Andrade, 2021, p. 202).

Pelas iconografias, se pode aproximar das condições materiais do impresso (Luca, 2010) e, percebe-se o uso destas em média escala, considera-se que esse uso foi possível à impressão em gráfica, no qual, o *Ecos Juvenis* é exaltado na memorialística campo-grandense por este elemento, conforme Penteado (1996, p. 55): “[...] era um trabalho esmerado, para a tecnologia

---

5 O sistema preventivo era o sistema pedagógico salesiano, que possuía “[...] em sua base de sustentação, um tripé composto por três conceitos principais: razão, religião e amorevolezza (ou bondade).” (Andrade, 2021, p. 73-74).

em impressão na época e, seguramente, foi uma marca, uma conquista e mais um avanço para o colégio”.

Localiza-se a impressão do *Ecos Juvenis* em três locais diferentes às quais somente três exemplares fazem menção: Tipografia Trouy (*Ecos Juvenis*, 1939, n. 29), Aragão e Cia. (*Ecos Juvenis*, 1941, n. especial) e Tipografia da Livraria Rui Barbosa (*Ecos Juvenis*, 1951, n. 62). Dessa maneira, compreende-se que a instituição escolar não era o *locus* de impressão, informação que auxiliou a compreender que o controle do impresso era mais institucional, conseqüentemente, havia uma menor autonomia estudantil nas escolhas editoriais.

Além disso, obtêm-se indícios que corroboram que o “controle” da edição do impresso era institucional, pois conforme Irmã Bartira, uma professora do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora: “Editávamos a revista *Ecos Juvenis*” (Gardés *apud* Sá Rosa, 1999, p. 91). Também uma ex-aluna cita outra freira que editava o impresso: “Irmã Francisca Barroso, conhecedora profunda dos segredos do vernáculo, ensinava Português, Química, História do Brasil, Religião, além de responsabilizar-se pela edição da revista *Ecos Juvenis* [...]” (Sá Rosa *apud* Penteado, 1996, p. 166). Bourdieu (2015) assevera que na relação entre professor e aluno há intrinsecamente violência simbólica, uma “violência sutil”, relacionada a uma manifestação do arbitrário nessa relação, ou seja, as professoras eram tidas como legitimadas, dignas e autorizadas de fazer as escolhas editoriais do impresso.

Em relação aos anúncios que havia no *Ecos Juvenis*, Trubiliano e Martins (2010, p. 8) explicaram que “A partir de 1937, a Revista sofreu um processo de expansão, tendo aumentado tanto o número de anúncios de patrocinadores, em geral profissionais liberais e casas comerciais de Campo Grande e região [...]”, porém, dos 15 exemplares localizados a partir de 1937, somente encontra-se um anúncio no exemplar de 1939 (n. 29, p. 20), que era de um de profissional liberal de Campo Grande, o Dr. Adalberto Barreto, o qual possuía um escritório de advocacia na cidade, ou seja, compreende-se que o controle do financiamento do impresso se dava de forma institucional, pois Luca (2010) assevera que os anúncios estavam estritamente ligados à questão de financiamento do impresso.

Nesse direcionamento, considera-se que a ausência de anúncios no *Ecos Juvenis* pode ser justificada pelo preço que era cobrado, pois conforme Trubiliano e Martins (2010, p. 8), havia uma assinatura anual de “[...] 5\$000, em 1937; 7\$000, em 1938, e 10\$000, em 1940 [...]” do

*Ecos Juvenis*. Destaca-se que nesta investigação somente se localiza o preço da anuidade em um impresso, qual seja, o valor de 7\$000, em um exemplar de 1939.

Destarte, considera-se que se levantou indícios de alguns elementos que contribuem para a aproximação das questões propostas, referente a produção da materialidade do *Ecos Juvenis*.

### **Considerações finais**

Este texto teve como objetivo investigar a materialidade do *Ecos Juvenis*, para se aproximar das seguintes questões: 1) Em face da materialidade do impresso escolar *Ecos Juvenis* do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campo Grande, como ocorreu a construção identitária do referido veículo na qual se buscou firmar a tríade: instituição escolar religiosa, educação das elites e escolarização de mulheres? 2) Quais os indícios de autonomia estudantil na produção da materialidade do *Ecos Juvenis*?

Destacam-se as possíveis intencionalidades na construção da materialidade do referido veículo, referente as capas e iconografias, observa-se a intencionalidade de produzir sentidos aos leitores, ora vinculado a publicização da instituição escolar católica para engendrar a exemplaridade do colégio para as moças das elites regionais, ora para alinhar materialidade e textualidade. Corrobora-se a perspectiva de Bourdieu (1997, p. 108) que destaca que para a imprensa obter e acumular lucros simbólicos tem que se submeter “aos vereditos do mercado, [...]”.

Sob esta ótica, identificam-se indícios de capas e iconografias interessadas no acúmulo de lucros simbólicos para o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, que materializavam papéis sociais, nesse sentido, construía-se uma identidade ao *Ecos Juvenis*, calcada nos valores católicos, na idealização de mulher e da exemplaridade do colégio para as frações das classes e médias, demonstrando: figuras de santos religiosos que eram tidos como exemplos para as alunas; fachada dos colégios salesianos femininos, representando “vistosidade” das instituições; atividades internas desses colégios, as quais, mostravam-se as vestimentas das estudantes e que estas possuíam predicativos para casar; e ex-alunas salesianas, evidenciando que essas agentes sociais possuíam uma relação com as professoras, derivada do sistema preventivo.

A partir dos elementos: impressão, anúncios e financiamento do impresso, também de fontes memorialísticas, identificam-se indícios que o controle do impresso era institucional, elemento

que se considera paradoxal, tendo em vista que o nome “Ecos Juvenis” remete a uma significação do impresso ser “exclusivo” da produção das estudantes.

## Referências

AMARAL, Giana Lange do. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. **História da Educação**, Pelotas, v. 11, n. 6, p. 117-130, abr. 2002.

AMARAL, Giana Lange do. Os jornais estudantis Ecos Gonzagueanos e Estudante: apontamentos sobre o ensino secundário católico e laico (Pelotas/RS, 1930-1960). **História da Educação**, Santa Maria, v. 17, n. 40, p. 121-142, ago. 2013.

ANDRADE, Heloíse Vargas de. **Cultura escolar católica no sul do antigo Mato Grosso: em foco o curso secundário nas instituições salesianas (1931-1961)**. 2021. 264 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2021.

AZZI, Riolando. **As filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: Cem anos de história A expansão do Instituto (1942-1967)**. São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. O camponês e a fotografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 26, p. 31-39, jun. 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão Influência do jornalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BRITO, Silvia Helena Andrade de; SILVA, Stella Sanches de Oliveira. Percursos e singularidades da expansão do ensino secundário em Mato Grosso (1942-1961). In: PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares (Org.). **Implantação e expansão regional do ensino secundário brasileiro volume 1**. Campo Grande: Editora Oeste, 2021, p. 325-346.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS; Maria Elena Camara. **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, abr. 1991.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

CHARTIER, Roger. Materialidade dos escritos, constituição de acervos e a função-autor. [Entrevista concedida a] André Furtado, Anna Coelho. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 38, n. 77, p. 611-628, maio 2022.

DALLABRIDA, Norberto. Cultura escolar católica, etilista e masculina. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, Lisboa, v. 16/17, p. 177-192, 2012.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira de. Análise de impressos e seus leitores: uma proposta teórica e metodológica para pesquisas em história da educação. In: VEIGA, Cynthia Greive; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de (Org.). **Historiografia da educação: abordagens teóricas e metodológicas**. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2019, p. 223-259.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Manuela Galhardo (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p.111-153.

MOREIRA, Kênia Hilda; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Impressos estudantis secundaristas como fonte para a História da Educação: potencialidades e desafios no processo de produção de um repertório sobre o Sul de Mato Grosso (Brasil). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 21, n. 81, p. 1-23, fev. 2022.

ORTIZ, Fernanda Ros. **A escola normal de moças das elites: um estudo das práticas escolares, culturais e sociais**. 2014. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Ciências Sociais. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX (ensino primário e secundário no Brasil)**. São Paulo: Cortez, 2008.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros; MARTINS, Carlos Junior. O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e a Revista Ecos Juvenis: educação e imprensa feminina no sertão matogrossense (1937-1945). **Revista Ensaio**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 2-16, jul./ dez. 2010.

## Fontes

**ATA da fundação do Grêmio Litéro-Dramático “Auxilium” Colégio Nossa Senhora Auxiliadora - 1935-1957**, livro nº 5. Campo Grande, MT, 1957.

- ÉCOS JUVENÍS** – Órgão das alunas do Colegio N. S. Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, n. especial, nov., 1936.
- ECOS JUVENÍS** – Colégio N. S. Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, n. 29, set./out., 1939.
- ECOS JUVENÍS.** Campo Grande, Mato Grosso, n. especial, jan., 1941.
- ECOS JUVENIS** – Órgão das alunas do Colegio N. S. Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, n. 51, jan./jun., 1946.
- ECOS JUVENIS** – Órgão das alunas do Colegio N. S. Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, n. 52, jul./dez., 1946.
- ECOS JUVENIS** – Órgão das alunas dos colégios das F. M. Auxiliadora da inspetoria de Mato Grosso. Campo Grande. Mato Grosso, s/n., jan./jun., 1947.
- ECOS JUVENIS** – Órgão das alunas dos colégios das F. M. Auxiliadora da inspetoria de Mato Grosso. Campo Grande. Mato Grosso, n.53, jul./dez., 1947.
- ECOS JUVENIS.** Campo Grande, Mato Grosso, n. 1, jan./jun., 1948.
- ECOS JUVENIS.** Campo Grande, Mato Grosso, n. 54, jul./dez., 1948.
- ECOS JUVENIS** – Órgão das alunas dos colégios das F. M. A. da Insp. de Sto. Afonso de Ligório. Campo Grande, Mato Grosso, n. especial, jan., 1949.
- ECOS JUVENÍS.** Campo Grande, Mato Grosso, n. 57, mar./abr., 1950.
- ECOS JUVENÍS.** Campo Grande, Mato Grosso, n. 58, maio/jun., 1950.
- ECOS JUVENIS** – Homenagem a S. Excia. Revma. D. Francisco de Aquino Corrêa. Campo Grande, Mato Grosso, n. 59, ago./set., 1950.
- ECOS JUVENIS.** Campo Grande, Mato Grosso, n. 60, mar./maio., 1951.
- ECOS JUVENIS** – Santa Maria Domingas Mazzarello Superiora Geral das Filhas de M. Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, n. 61, ago./set., 1951.
- ECOS JUVENIS** – Colégio N. S. Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, n. 62, out./nov., 1951.
- PENTEADO, Yara. **Auxiliadora - setenta anos.** Campo Grande: Gráfica Ruy Barbos, 1996.
- SÁ ROSA, Maria da Glória. **Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul.** Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1990.

Recebido em 2024-06-13

Revisado em 2024-12-04

Aprovado em 2024-12-23

Publicado em 2024-12-31